

A COMPREENSÃO DA AVALIAÇÃO ESCOLAR NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA¹

João Fabricio Guimara Somariva

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Santa Catarina, Brasil

Viviane Ribeiro Pereira

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Santa Catarina, Brasil

Resumo

A avaliação escolar é um assunto pouco debatido no ambiente acadêmico das licenciaturas. Visto a necessidade de aprofundamento, objetivamos neste estudo analisar como ocorre o processo de apreensão do conhecimento relativo à ação de avaliar, de acadêmicos do curso de Educação Física de uma universidade do sul catarinense. O instrumento empregado para a coleta de dados foi um questionário, no qual participaram acadêmicos da 1^a, 5^a e 8^a fase do curso. Os resultados apontam que ao longo da formação houve um aumento gradual na forma de pensar criticamente a avaliação, indicando que seus acadêmicos saem com uma visão distinta da que ingressaram. Conclui-se que avaliação escolar na formação docente deve ser alvo de discussão, visando uma formação de professores que compreenda o significado da avaliação no âmbito escolar em uma perspectiva pedagógica crítica.

Palavras-chave: Educação Física. Avaliação. Formação de professores.

Introdução

A avaliação é um dos elementos que constitui o processo de ensino aprendizagem, logo, tem sua legitimidade e importância devidamente definidos dentro do ambiente escolar. É nesse sentido que a avaliação tem por propósito servir de referência para uma análise sobre o eixo curricular que consequentemente norteia o projeto pedagógico da escola (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Mesmo diante do crescimento do debate sobre avaliação no meio acadêmico, bem como nos ambientes escolares, muitos professores demonstram fragilidades no ato de avaliar, não compreendendo sua função dentro da ação educativa. Como consequência, esses mesmos professores acabam realizando uma avaliação incoerente, baseada em práticas pedagógicas que enfatizam o talento esportivo e que, consequentemente, legitimam o fracasso e discriminam os alunos menos capazes ou não aptos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Uma explicação para a falta de conhecimento dos professores pode estar relacionada à formação inicial, entendendo que esta não vem proporcionando o conhecimento necessário para sua efetiva presença no âmbito escolar e em outras funções que a profissão apresenta. A questão da fragilidade do ensino nas universidades é debatida com certa timidez nos dias atuais, pois o ensino nas licenciaturas, para a formação do professor da Educação Básica, ainda é realizado de forma acrítica entre os diferentes níveis de ensino e áreas disciplinares (GATTI, 2010).

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Na mesma medida, a fragilidade avança em etapas importantes relacionadas à prática pedagógica, como é o caso da avaliação, que muitas vezes não é vista como elemento importante no desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Logo, para que isso se efetive, devemos reconhecer seu papel em identificar, valorizar a cultura individual, a manifestação de afetividade e a subjetividade dos alunos nesse processo. Portanto, estudos que analisem o processo de formação docente relacionados à avaliação na Educação Física podem contribuir para que se repense sua função e sua efetiva presença no currículo acadêmico (BRATIFISCHE, 2003).

Santos e Maximiano (2013), em estudo com acadêmicos do oitavo período do curso de formação inicial em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, analisam as experiências de avaliação vivenciadas por estes na Educação Básica e constatam que suas narrativas estão centradas nos instrumentos, e não dialogam com concepções avaliativas, mesmo já em processo de finalização da graduação. Os autores concluem que a formação inicial tem oferecido um embasamento teórico insuficiente, para que os discentes possam analisar suas experiências avaliativas.

Mediante a necessidade apresentada, alguns questionamentos surgem em meio à formação inicial do acadêmico em Educação Física: Qual a compreensão do estudante de Educação Física sobre avaliação escolar? O processo de formação acadêmica proporciona a estes estudantes a capacidade de entendê-la como articuladora do processo de ensino aprendizagem?

Diante da variedade de questionamentos, procuramos por uma problemática que pudesse, ao mesmo tempo, conectar-nos e impulsionar-nos na busca de respostas por nossas inquietações, assim sintetizada: como ocorre o processo de apreensão do conhecimento relativo à avaliação dos acadêmicos do curso de Educação Física de uma universidade do sul de Santa Catarina?

Nosso problema de pesquisa originou-se a partir de observações de diferentes aulas de Educação Física nos estágios obrigatórios, bem como de diálogos com os professores nos estágios e nos programas de pesquisa. Tais reflexões evidenciaram a dificuldade dos professores, com relação ao processo de avaliar seus educandos, que, frequentemente, levam em consideração somente os aspectos motores, ignorando os demais aspectos como afetivo, cognitivo e social. A avaliação somente pelo aspecto motor é extremamente presente nas aulas de Educação Física e muitas vezes o professor realiza seleções, classificações, além de excluir os “menos habilidosos” das aulas (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A partir da problemática posta, objetivamos, neste trabalho, analisar como ocorre o processo de apreensão do conhecimento relativo à ação de avaliar, de acadêmicos do curso de Educação Física de uma universidade do sul catarinense. Objetivamos, especificamente, conhecer a compreensão dos acadêmicos sobre avaliação escolar, bem como verificar se o processo de formação acadêmica lhes proporciona a capacidade de entendê-la como articuladora do processo de ensino-aprendizagem.

As demandas atuais para o processo de avaliar

O processo de avaliar, para a docência contemporânea, deve estar atrelado a uma postura filosófica. Ao avaliar, o professor expressa a visão de mundo que possui, o que invariavelmente vai conduzi-lo a diferentes interpretações relativas às práticas avaliativas, como, por exemplo, pode interpretá-la sob a forma de reprodução individualista, alienada e obediente de entender o mundo, sem questionar regras, atitudes típicas para a manutenção da sociedade capitalista ou, ao contrário, estimular um olhar crítico do sujeito para que lute por

uma sociedade mais justa e igualitária para a classe trabalhadora (BARBOSA, 2011; LUCKESI, 2009).

Luckesi (2009) afirma que para a avaliação assumir seu verdadeiro papel institucional, devemos visualizá-la em prol de uma pedagogia para a transformação social e não para a conservação e alienação. O educador também deve ter claro seu posicionamento perante sua ação pedagógica, pois educar não é um ato neutro.

No processo avaliativo dentro de uma instituição escolar, o professor consciente sabe que nem tudo que é planejado ocorre da maneira prevista. Estamos no mundo real, em que o erro dos indivíduos existe e é legítimo. Tanto o educador como o educando devem ter consciência que o erro existe, e é algo necessário para o processo de ensino-aprendizagem. “O erro, aqui, é visto como algo dinâmico, como caminho para o avanço” (LUCKESI, 2009, p.58).

Os educandos estão em níveis distintos de desenvolvimento. A forma de avaliar, portanto, deve ser respeitada no sentido de que em cada etapa escolar existe uma especificidade. Os critérios metodológicos e a organização dos conteúdos devem ser pensados e realizados de acordo com cada ciclo de escolarização, seguindo uma ordem de desenvolvimento dos alunos, respeitando assim as individualidades e as realidades sociais existentes dentro do contexto dos próprios educandos.

Assim, há um longo percurso para que a avaliação no processo de ensino-aprendizagem na Educação Física seja vista como elemento essencial, sendo requisito, para tal feito, que se faça uma prática avaliativa pautada na responsabilidade e na consistência de cada ato praticado pelos sujeitos envolvidos na avaliação escolar.

Formação de professores e avaliação

A dinâmica curricular² que hoje se encontra instituída no sistema educacional possui evidentes traços que caracterizam ainda a avaliação como classificatória, levando os alunos, por várias vezes, à exclusão social e a uma avaliação seletiva, desconsiderando o processo de aprendizagem do aluno (VASCONCELLOS, 1998a). Os professores pautados nesta visão têm a dificuldade de pensar em uma avaliação que esteja a serviço de todos, independentemente das condições de classe, étnicas, físicas ou cognitivas.

Paiva et al (2006) salientam que os acadêmicos, ao ingressarem no curso de formação inicial em Educação Física, trazem consigo experiências empíricas sobre o conceito da área de conhecimento, sendo o mesmo atrelado ao esporte e à saúde. Isso não seria um problema se o acadêmico, ao ter contato com concepções pedagógicas contra hegemônicas (e obviamente de suas formas de avaliação), compreendesse as consequências de sua manutenção.

O que vemos, entretanto, no processo de formação docente, é a intensificação de uma abordagem classificatória e excludente, tendo em vista que em sua grande maioria tem-se voltado para uma formação de caráter aquém da criticidade e de maior conservadorismo, com a instrumentalização técnica do ensino dos esportes (EUZÉBIO, 2009), sem que isso seja questionado com vistas a compreender suas consequências.

A avaliação dos acadêmicos desses cursos superiores também ocorre de maneira acrítica. Desta maneira, se receberem em sua formação uma concepção classificatória de avaliação, tornar-se-á difícil desligar-se desta prática no âmbito profissional, pois a única referência que terá é a sua experiência como educando e graduando (BATISTA, 1999-2000).

² Constitui-se com o trato com o conhecimento, organização e normatização escolar. Ver em COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo. Cortez, 1992

Com isso, é presumível que a qualificação do profissional coloca-se em questão, mediante as reais condições de avaliação. De acordo com Hoffmann (1993), o aluno está alienado ao sistema numérico de avaliar, não conseguindo compreender outro sentido de estar ali, conseqüentemente não percebendo os decorrentes prejuízos em sua formação.

Metodologia

O trabalho apresenta a compreensão dos acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física de uma universidade do sul de Santa Catarina, com relação à avaliação escolar. A pesquisa foi realizada com todos os acadêmicos da primeira (31), quinta (25) e oitava (12) fase do curso, totalizando 68 acadêmicos. A escolha da 1ª e 8ª fase para a pesquisa se deve pela necessidade de conhecer o acadêmico que ingressa, com sua concepção inicial de avaliação, e o aluno que finaliza, presumidamente com conhecimento acumulado sobre a temática. Já a escolha da 5ª fase teve como justificativa a presença da disciplina “Avaliação na Educação Física” no currículo (36h), sendo o momento de maior dedicação ao assunto no decorrer da referida formação.

As perguntas comuns tratam dos conhecimentos básicos sobre avaliação. A questão específica trata de reconhecer as perspectivas em relação ao aprendizado da avaliação pelos acadêmicos, já que se encontram em momentos distintos de formação e conseqüentemente com diferentes níveis de conhecimento.

Os questionários foram entregues aos acadêmicos em período de aula, sendo sua aplicação realizada em dias distintos para cada fase do curso. Ao término de seu preenchimento, o instrumento foi imediatamente recolhido.

Todos os procedimentos da pesquisa foram submetidos ao parecer do comitê de ética da Plataforma Brasil, quando foi emitido o parecer consubstanciado de número 1.573.037. Todos os participantes responderam voluntariamente ao questionário e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguindo as normas do Comitê de Ética da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Ao assinar, uma cópia ficou com o respondente e outra com os pesquisadores.

Análise e discussão dos resultados

Após a aplicação dos questionários e interpretação dos dados, foi realizada a análise e sua categorização a partir das respostas dos envolvidos. Para isso, buscou-se fazer o cruzamento entre os referidos componentes e o referencial teórico apresentado. Esclarecemos que, na fala dos questionados, encontramos mais de uma ocorrência dirigida às categorias. O número de ocorrências, portanto, excede o número de participantes.

Mediante a demanda de categorias e dados que foram coletados, optamos por apresentar, para essa discussão, apenas as respostas que traziam palavras-chave encontradas nas três fases analisadas e que foram amplamente citadas pelos participantes.

Sobre o conhecimento dos métodos e instrumentos avaliativos

Com relação às perguntas que foram comuns a todos os acadêmicos, apresentamos, inicialmente, as duas primeiras questões, referentes aos métodos e instrumentos avaliativos dos quais tinham conhecimento. A análise simultânea das duas questões se deve ao fato de que se percebeu um conflito nas respostas dos graduandos. Observamos que todos os acadêmicos da 1ª fase responderam a 1ª questão citando métodos e instrumentos avaliativos, como por exemplo, participação, provas e trabalhos. Ao se dirigirem à segunda

questão, 19 dos 31 acadêmicos não responderam à pergunta, e os que responderam tenderam a repetir a mesma resposta dada à primeira questão.

A dificuldade encontrada pelos acadêmicos em distinguir métodos e instrumentos avaliativos se estende a este trabalho, pois, ao buscarmos subsídios teóricos para a discussão do tópico, deparamo-nos com um amplo referencial bibliográfico sobre avaliação, mas que pouco avança em relação à distinção entre os referidos elementos avaliativos.

A partir dos dados apresentados, percebemos que os acadêmicos que ingressam no curso trazem da Educação Básica a concepção tradicional de que trabalhos e provas são a personificação do processo avaliativo. Diante disso, Luckesi (2009) aponta que o sistema de ensino hoje está centrado somente em provas e exames e não no processo de ensino/aprendizado. Constituem-se, também, como mecanismos de ameaças do professor sobre os educandos, uma vez que o professor não possui o controle deste processo.

Não se quer aqui fazer uma crítica ao uso desses instrumentos a ponto de excluí-los da escola; muito pelo contrário, quer-se que sejam utilizados com competência, pois são fundamentais para diagnosticar avanços e retrocessos, tanto por parte do professor, quanto dos alunos. Vasconcellos (1998b) e Sant'anna (1995) apontam que, apesar das críticas a esse instrumento de avaliação, devemos considerá-los essenciais, se formulado de maneira criteriosa, com análise e com preparação, ou seja, com o objetivo de intensificar a aprendizagem dos educandos.

Quanto aos acadêmicos da 5ª fase, observamos ainda o mesmo conflito entre método e instrumentos avaliativos presentes na 1ª fase, porém, em menor ocorrência. Em contrapartida, 13 dos 25 alunos citaram elementos que se enquadram no âmbito dos métodos avaliativos, como “avaliação diagnóstica, formativa e somativa” e “avaliação qualitativa e quantitativa”.

A 8ª fase seguiu as mesmas características apresentadas na 5ª fase, sendo que 8 dos 12 acadêmicos apresentaram coerência nas duas respostas, elencando elementos como “avaliação diagnóstica, formativa e somativa”, e termos como “avaliação quantitativa, qualitativa e processual”.

Durante o processo de formação inicial percebeu-se um salto qualitativo com relação às respostas dos acadêmicos que ingressaram no curso e os que estão concluindo o mesmo. Essa evolução é um indicativo de que no decorrer da formação há um contato com variados métodos e instrumentos, principalmente na 5ª fase, quando o assunto é explorado de forma mais aprofundada.

Sobre o sentido da avaliação: O que? Como, por que e quando avaliar?

O que avaliar nas aulas de Educação Física?

Dois respostas foram citadas por aproximadamente metade dos acadêmicos de cada fase: *conhecimento* e *participação*. Fernandes e Greenville (2007) apontam que avaliar a participação do educando nas aulas é importante, desde que esta seja aliada ao conhecimento, a uma práxis pedagógica, já que a participação sem qualquer comprometimento torna-se uma participação sem intencionalidade, não ocorrendo, desta forma, a apropriação do conhecimento.

Para Sanches Neto e Betti (2008), para avaliar, nas aulas de Educação Física, devemos estar atentos a variadas formas de os alunos manifestarem informações durante as aulas, presentes, por exemplo, na forma como compreendem ou agem perante as normas, os valores, atitudes, regras, bem como na análise crítica e nos conhecimentos sobre o conteúdo.

Além da presença acentuada dos itens participação e conhecimento, destacamos itens que nos auxiliam a descrever o processo de construção das bases teórico/metodológicas que avançam no desenrolar da formação docente.

Na 1ª fase observamos a existência de respostas que indicam o trato da avaliação, tendo como referência a aptidão física e o esporte. Os acadêmicos citaram termos como “desempenho” (seis citações), “desenvolvimento corporal”, “regras, fundamentos e técnicas” e “disciplina” (uma citação para cada). É possível que essas referências tenham uma ligação com as experiências avaliativas realizadas por seus professores no seu processo básico de escolarização. É o que diz Hoffmann (2001a) quando afirma que os alunos da graduação tendem a reproduzir suas vivências escolares quando já estão lecionando, ou seja, é o seu modelo a ser seguido. O problema se agrava quando a formação docente deixa de abordar o tema de forma específica, sobrando apenas pequenas discussões na área.

Nas outras fases analisadas observamos que as citações relativas à avaliação, sob a perspectiva da aptidão física, repetiu-se apenas na 5ª fase, com o termo “desempenho” (duas [2] citações), e na 8ª fase com o termo “técnica” (uma [1] citação). Nas demais respostas, encontramos citações que consideramos bons indícios de mudança paradigmática sobre a avaliação, como podemos observar na fala do Aluno 1 da 5ª fase: “*Conhecimento teórico apreendido, comunicação (como o aluno expõe seus conhecimentos escrita-fala), socialização (como o aluno se socializa com seus iguais)*”. Também observamos o uso da tríade “aspectos afetivos, cognitivo e motor”, o que aponta para um pensar avaliativo a partir de uma visão integral de ser humano.

Darido e Rangel (2015) apontam para uma avaliação das aquisições de competências, habilidades, conhecimentos e atitudes dos educandos, uma vez que alegam que a avaliação possui três dimensões: a *cognitiva, atitudinal e motora*, e que estes devem ser avaliados perante a capacidade de expressar seu conhecimento relativo à cultura corporal.

Como avaliar nas aulas de Educação Física?

Nesta questão, damos destaque a duas categorias apresentadas: “*trabalhos/provas*”. Na 1ª fase, metade dos 31 acadêmicos se referiram a trabalhos/provas e aproximadamente a outra metade não soube responder a mesma questão. Com relação à 5ª fase, foram seis (6) de 25 alunos que responderam “trabalhos/provas” e outros seis (6) não responderam. Enquanto que na 8ª fase foram nove (9) entre 12 acadêmicos que se referiram a trabalhos/provas e somente um (1) não respondeu.

Destaca-se que a categoria trabalhos/provas esteve presente, com ênfase em ambas às fases. Mediante esse instrumento avaliativo é importante questionarmos o modo como este está sendo tratado e aplicado aos educandos. Barbosa (2011) acentua que este instrumento de avaliação é bastante comum entre os professores, porém, a postura do docente diante do resultado do mesmo precisa ser revista, uma vez que muitos professores tendem a culpar somente os alunos pelo seu insucesso nas provas.

Referente a isso, Vasconcellos (1998b) acentua que é preciso diminuir a ênfase na avaliação classificatória e excludente e aponta para a perspectiva de uma avaliação processual, aliada ao processo de ensino-aprendizagem. Luckesi (2009) também acentua que hoje a avaliação não deve ser de maneira autoritária e deve, sim, colocar-se a serviço de uma proposta pedagógica que esteja voltada para a transformação da sociedade.

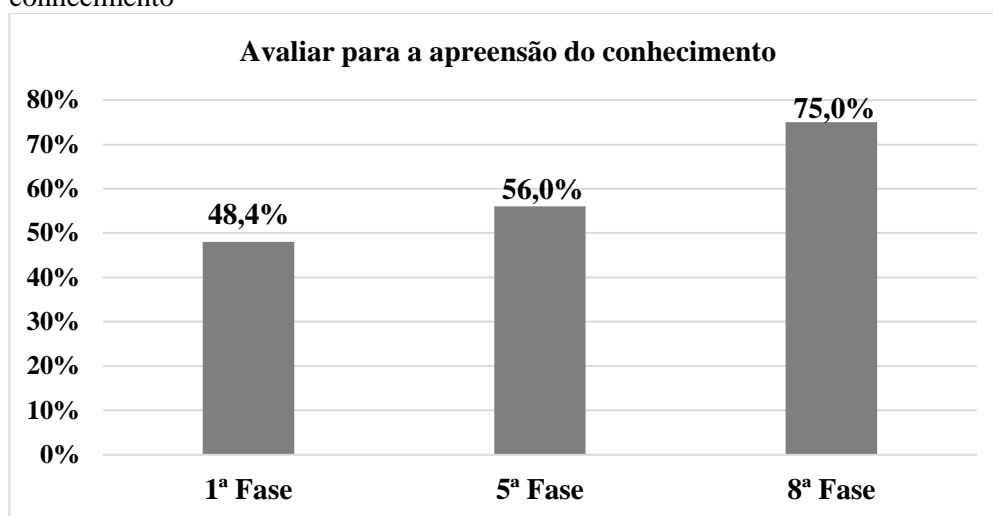
Notemos que a categoria “*não respondeu*” esteve presente em todas as fases, porém, observa-se que há um gradual declínio de sua ocorrência, principalmente no espaço de formação entre 1ª e 5ª fase, o que indica que os acadêmicos, no decorrer do curso, começam a compreender como avaliar o educando.

Evidenciamos categorias que indicam uma avaliação diferente da realizada hoje, também nas respostas dos formandos, como por exemplo: ‘por meio de diálogos’, ‘dinâmicas’, seminários’, ‘tabelas’, ‘respeitando as individualidades’. Sendo assim, é importante que o professor se utilize de diferentes formas, instrumentos e métodos para realizar uma avaliação, uma vez que assim os educandos tendem a serem menos prejudicados (DARIDO; RANGEL, 2015).

Porque avaliar nas aulas de Educação Física?

A resposta mais recorrente teve como foco “para a *apropriação de conhecimento do educando*”. Com base na resposta encontrada, buscamos analisar sua presença no decorrer da formação acadêmica (gráfico 1).

Gráfico 1: Percentual de acadêmicos que relacionam a avaliação à apreensão do conhecimento



Fonte: Dados da Pesquisa (2016)

Pode-se perceber o aumento progressivo dos acadêmicos que pensam que avaliar possui como finalidade o conhecimento. É importante salientar, porém, que nem sempre a avaliação na Educação Física teve este objetivo, uma vez que a história da disciplina no Brasil passou por vários momentos, possuindo, assim, distintas finalidades. Um desses momentos foi a Educação Física com finalidade para instrução militar, na década de 70, objetivando somente as atividades práticas, uma vez que os alunos eram selecionados por biótipos, como os mais “fortes” e “capazes” (DARIDO, 2003).

Essa evolução ao longo das fases do curso indica a presença de uma abordagem crítica que busca a apreensão do conhecimento pelo aluno e a importância da avaliação neste processo, no sentido de verificação da aprendizagem de conhecimentos do mesmo (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Luckesi (2009) salienta que o conhecimento dos educandos, quando apropriado, torna-se suporte para a formação de hábitos, convicções e habilidades, possibilitando-lhes, conseqüentemente, autonomia e independência.

É exatamente por meio do processo de apropriação do conhecimento que o educando se torna mais humano, mais emancipado e menos alienado. Ao ter disponível o acesso aos conhecimentos construídos pela humanidade, cada sujeito adquire condições para somar na luta pela superação da sociedade atual, dividida em classes, pois o conhecimento é a representação real do pensamento. Assim, a avaliação não pode ser tratada como uma mera

formalidade, pois se constitui como um dos elementos que o professor possui como respaldo da aprendizagem dos educandos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Na 5ª fase ocorreram categorias como ‘*verificar aproximação ou distanciamento do objetivo*’, ‘*resultado para auxiliar o professor*’ e ‘*auto avaliação*’. As respostas encontradas sugerem o resultado de um processo de formação inicial bastante consistente com relação à função da avaliação na Educação Física e do porquê a mesma se encontra na escola, dado que as respostas dos acadêmicos não se resumiram somente na apropriação do conhecimento e sim a um conjunto de finalidades. De acordo com Darido e Rangel (2015), a avaliação deve ser útil para todos dentro do processo de ensino-aprendizagem. Avalia-se para tomar conhecimento do diagnóstico da situação, a fim de atingir o objetivo traçado. Além disso, deve servir para que o professor faça uma reflexão contínua da prática, auxiliando-o a rever aspectos do processo de ensino-aprendizagem.

Quando avaliar nas aulas de Educação Física?

Na 1ª fase, obtivemos respostas como, ‘*quando tiver prova e/ou jogo*’, e ‘*ao final do conteúdo*’. Com base nas categorias apontadas, percebemos que os acadêmicos não conseguem compreender a avaliação como um processo e sim, como momento final do mesmo, ou seja, vinculada exclusivamente a uma avaliação somativa. De acordo com Barbosa (2011), este tipo de avaliação se faz no final do ano letivo, visando observar o processo ensino-aprendizagem, que é feito geralmente com a realização de uma prova final. Segundo o autor, esta prova final deve estar atrelada a outras formas avaliativas, como a diagnóstica e formativa, sem descontextualizá-la do processo.

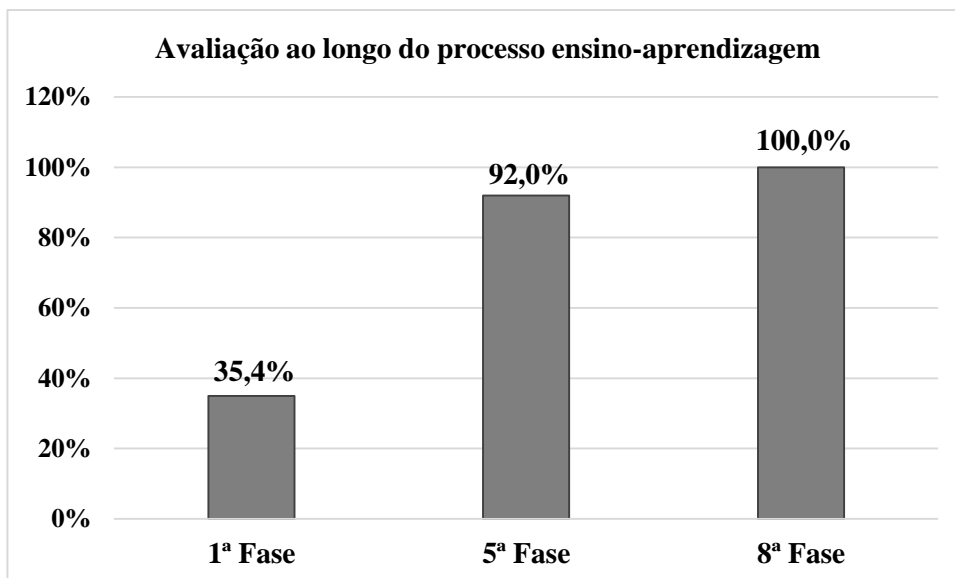
Além disso, Moretto (2005) argumenta que um professor competente utiliza dos conhecimentos dos instrumentos para realizar a avaliação, visto que a avaliação não deve servir como mecanismo para manter o aluno em aula ou então fazer o aluno estudar, mas se constitui como um momento privilegiado de estudo.

Luckesi (2009) aponta que nas escolas existe um ritual de avaliação pré-estabelecido, em que os professores passam o conteúdo e ao final do mesmo aplicam um instrumento de avaliação, no qual, muitas vezes, não é o ideal para aquele aluno e/ou turma.

Hoffmann (2001b) alerta para esta visão de avaliação dicotômica entre educação e avaliação, visto que muitos professores não conseguem perceber como algo único em todos os momentos do processo de ensino-aprendizagem.

Em contrapartida, 11 dos 31 acadêmicos da 1ª fase responderam que a avaliação se dá em ‘*todo o processo de ensino aprendizagem*’ e observamos o crescimento da utilização desta resposta no decorrer das demais fases analisadas, como podemos observar no gráfico 2:

Gráfico 2: Percentual de acadêmicos que acreditam na avaliação ao longo do processo ensino-aprendizagem



Evidenciamos, novamente, um salto qualitativo nas respostas dos acadêmicos da 8ª fase, se comparadas aos da 1ª. Esse enriquecimento do pensar avaliativo deve estar relacionado aos aspectos formativos. Leite (1997) aponta para a aprendizagem do estudante da universidade de maneira articulada à linguagem, realidade social e convivência com o meio acadêmico. Afirma, também, que a aprendizagem é profundamente social. Se o docente universitário não desenvolver uma aprendizagem significativa, os acadêmicos só irão reproduzir a consciência do sendo comum, assumindo, assim, determinados valores, sem questionamentos.

É imprescindível salientar a importância da avaliação nos cursos de licenciaturas. O método avaliativo que o professor utiliza junto aos acadêmicos deve ser realizado seguindo princípios não excludentes e classificatórios, lembrando que a avaliação que o acadêmico tiver na sua formação, juntamente com a experiência empírica do ensino básico, é o reflexo do seu fazer dentro do âmbito escolar (HOFFMANN, 1993).

Perspectivas em relação à avaliação

A pergunta final aos acadêmicos teve como foco as perspectivas de avaliação com relação ao curso (1ª e 5ª fase) e a vida profissional docente depois de formados (8ª fase).

Na 1ª fase, 17 de 31 acadêmicos não relacionaram especificadamente a avaliação nas suas respostas, mas responderam que esperam do curso a possibilidade de serem bons profissionais. Diante desse fato, é possível analisar que os ingressos do curso buscam uma formação inicial qualificada e que lhes possibilite o aprendizado necessário para se tornar um professor competente.

Em conformidade com a última resposta, na 5ª fase, 14 dentre 25 acadêmicos também esperam maiores conhecimentos sobre a avaliação. As respostas obtidas nos dão um respaldo positivo de interesse pelo conhecimento e ainda de preocupação com a aprendizagem da avaliação no decorrer do curso. Os cursos de formação de professores são um lugar fértil para os debates de avaliação na educação básica, uma vez que formam os professores. Portanto, o professor universitário também é referência para o acadêmico, por isso a importância de ter-se coerência entre o que se ensina e o que se pratica em sala de aula de formação de professores (BARBOSA, 2012).

Com relação à 8ª fase, a pergunta foi referente às expectativas do exercício da docência e à avaliação dos educandos enquanto professores. Dos 12 acadêmicos, 10

responderam que estão preparados para avaliar de forma coerente com o projeto político pedagógico da escola e com os objetivos de uma educação crítica. Como complemento à afirmação, os acadêmicos justificaram, relatando a importância do conhecimento proporcionado na graduação e nos estágios. Salientamos, então, sobre a importância dos estágios, que são imprescindíveis na formação docente, pois materializam a concepção de sociedade, de educação e educador na prática pedagógica, e conseqüentemente transformam a visão acadêmica do ato de avaliar. Zainko (1994) e Libâneo (2001) afirmam que em estudos e pesquisas de formação de professores, observa-se uma desvinculação da teoria à prática nas salas de aula. Os autores enfatizam, portanto, a importância da vinculação de ambos na formação inicial, além da importância da pesquisa e extensão nas universidades.

A busca por mais estudos sobre o assunto também foi evidenciada. Dos 10 acadêmicos que se afirmaram preparados para a docência, quatro (4) disseram que precisavam de maiores estudos, além de dois (2) acadêmicos da 8ª fase que disseram não estar preparados pelo mesmo motivo.

O curso de Educação Física no qual foi realizada a pesquisa possui uma disciplina específica de avaliação, de caráter obrigatório, mas infelizmente não é esta a realidade de outros cursos de Educação Física no Brasil.

De acordo com Barbosa (2012), os egressos dos cursos de licenciaturas referem-se à falta de estudo sobre a temática avaliação, visto que durante sua formação “sofrem” avaliações e não conseguem entender com elas e nem sobre elas. Neves (2008) aponta, ainda, para a necessidade do ensino de concepções e práticas de avaliações nas licenciaturas, uma vez que são necessárias para que o professor exerça o trabalho docente, a fim de atingir os objetivos propostos no planejamento e qualificar ainda mais a formação inicial.

Considerações finais

Na década de 1990, reflexões referentes à avaliação escolar, nas perspectivas críticas de Educação Física, já denunciavam a realidade das escolas brasileiras. Porém, ainda hoje nos deparamos com práticas que fazem alusão à aptidão física e saúde. Essa realidade é um alerta para os professores buscarem acompanhar os estudos da área e modificar a sua prática pedagógica.

O curso de Educação Física, no qual foi realizada a referida pesquisa, possui uma disciplina específica sobre avaliação escolar, que se constitui de caráter obrigatório, o que se acredita perante o resultado da pesquisa, ter apresentado influência direta na compreensão dos acadêmicos acerca dessa temática. Isso porque se percebe, a partir de todas as questões analisadas, que, ao longo do curso, houve um aumento gradual na forma de pensar criticamente a avaliação, o que indica que os acadêmicos do curso saem com uma visão distinta daquela com a qual ingressaram. Em vista disso, fica evidente que a graduação e suas possibilidades de conhecimento e aprendizagem possibilitam uma compreensão mais aprofundada da temática discutida, desde que, obviamente, seja tratada com a devida relevância.

Acreditamos que os cursos de licenciatura, que deixam de promover, em pleno século XXI, o debate sobre as questões relativas à avaliação escolar, são, de certo modo, cúmplices da avaliação que reprovamos neste trabalho. Uma avaliação meritocrática, que segrega e que reproduz fielmente as condições a que a classe trabalhadora está submetida, ou seja, ao mundo do capital.

Em linhas gerais, deixar de falar de avaliação é negar a possibilidade das trocas de experiências e não entendê-la como elemento importante no processo de ensino

aprendizagem. É por isso que os cursos de formação inicial de professores devem pensar em um ensino qualificado, que reflita criticamente sobre a avaliação na Educação Física Escolar.

THE UNDERSTANDING OF SCHOOL EVALUATION IN THE TRAINING PROCESS OF THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER

Abstract

The school evaluation is a subject little debated in the academic environment of the education degrees, considering its need of deepening, the objective of this study is to analyze how the process of apprehension of knowledge relating to the action of evaluating the students of the Physical Education major of a University of South Catarinense occurs in the academic evaluation of the undergraduate courses. The instrument used for data collection was a questionnaire in which students from the 1st, 5th and 8th semesters of the major participated. The results indicate that during the training there was a gradual increase in the way of thinking critically the evaluation, indicating that its students leave with a different vision to which they entered. It is concluded that school evaluation in teacher education should be the subject of discussion aimed at a teachers training which understands the true meaning of evaluation in the school context in a critical pedagogical perspective.

Keywords: Physical Education. Evaluation. Teacher training

EVALUACIÓN DE LA ESCUELA ENTENDIMIENTO EN EL PROCESO DE EDUCACIÓN FÍSICA DE FORMACIÓN DEL PROFESORADO

Resumen

La evaluación de la escuela hoy en día es un tema que ha sido poco debatido en el entorno académico de los grados, como la necesidad de más, el objetivo de este estudio fue analizar cómo es el proceso de aprehensión de conocimientos sobre la acción de la evaluación de curso académico de Educación la física de la Universidad del Sur de Santa Catarina. El instrumento utilizado para la recolección de datos fue un cuestionario al que asistieron los estudiosos de la 1ª, 5ª y 8ª etapa del curso. Los resultados muestran que durante el curso investigado, hubo un aumento gradual en la forma de evaluación de pensamiento crítico, lo que indica que su licencia académica con una visión clara de que entró. Se concluye que la evaluación de la escuela en la formación docente debe ser objeto de debate dirigido a profesores de formación para conocer el verdadero significado de la evaluación en las escuelas de la perspectiva de la pedagogía crítica.

Palabras clave: Educación Física. Evaluación. Formación de Profesores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Cláudio Luiz de Alvarenga. **Educação Física e didática: Um diálogo possível e necessário.** Petrópolis. Vozes, 2011.

BARBOSA, Flávia Renata Pinto. **Avaliação da aprendizagem na formação de professores: teoria e prática em questão.** In: IX Seminário de pesquisa em educação da Região Sul-

ANPED SUL. 2012. Disponível em:
<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2082/587>>. acesso em: 28 out. 2016.

BATISTA, Marco A. M. Avaliação: um intervir sobre a produção do conhecimento. **Pensar a prática** 3: 65-71, Jul./Jun. 1999-2000.

BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. Avaliação em Educação Física: um desafio. **R. da Educação Física/UEM Maringá**, v. 14, n. 2, p. 21-31, 2. sem. 2003

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo. Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya C. **Educação Física na Escola: Questões e reflexões**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, Suraya C; RANGEL, Irene C. Andrade. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2015

EUZÉBIO, Carlos Augusto. **O esporte enquanto conhecimento nos cursos de formação inicial em educação física**. 2009, 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

FERNANDES Saulo; GREENVILE, Roberta. Avaliação da aprendizagem na Educação Física escolar. **Motrivivência** Ano XIX, n° 28, p. 120-138 Jul./2007

GATTI, Bernadete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 31, núm. 113, out.-dez, 2010, p. 1355-1379 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>> acesso em: 14 nov. 2016

GIL, Antônio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. Atlas S.A. São Paulo, 2008

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: As setas do caminho**. 3. ed. Mediação. Porto Alegre, 2001a

_____. **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 30. ed. Mediação. Porto Alegre, 2001b

_____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 18. ed. Mediação. Porto Alegre, 1993

LEITE, Denise. Aprendizagens do estudante universitário. In: LEITE, Denise; MOROSINI, Marília (orgs). **Universidade Futurante: produção do ensino e inovação**. Campinas, Papirus. 1997. p.147 - 168

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, Adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente**. 5. ed. São Paulo. Cortez, 2001

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 20º ed. São Paulo. Cortez, 2009.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo não um acerto de conta. 6ª ed. Rio de Janeiro. DP&A Editora. 2005.

SANCHES NETO, Luiz; BETTI, Mauro. Convergência e integração: uma proposta para a educação física de 5a. a 8a. série do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física. Esp.**, São Paulo, v. 22, n.1, p.5-23, jan./mar. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16678>> acesso em: 30.09.2016

NEVES, Isabel Cristina. **Avaliação da aprendizagem**: concepções e práticas de formadores de professores. Guarapuava-PR. Unicentro, 2008.

PAIVA, Fernanda S. L et al. Formação inicial e currículo no CEFD/UFES. **Pensar a prática**. 9/2: 213-230, jul./dez. 2006.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?**: critérios e instrumentos. 7ªed. Vozes. Petrópolis, 1995

SANTOS, W. dos; MAXIMIANO, F. de L. Memórias discentes em educação física na educação básica: práticas avaliativas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 79-101, abr./jun. 2013.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem**: práticas de mudança - por uma práxis transformadora. Libertad. São Paulo, 1998a

_____. **Avaliação**: superação da lógica classificatória e excludente do “É proibido reprovar” ao É preciso garantir a aprendizagem. Libertad. São Paulo, 1998b

ZAINKO, Maria A. S. A universidade e o compromisso com a formação do professor para a Escola Básica. **Por uma política de formação de professores para a educação básica**. Anais do Seminário Nacional sobre formação de professores para a Educação Básica. Brasília. MEC-UNESCO, 1994. p. 105 – 113.